

Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofônico

(De 17 a 21 de julho de 2000)

ORGANIZAÇÃO DE
LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO

(Presidente da Academia Brasileira de Filologia)



EDITORA
ÁGORA DA ILHA

Sumário

Apresentação

Leodegário A. de Azevedo Filho e Marina Machado Rodrigues.....11

Agradecimento

Embaixador *Sérgio Corrêa da Costa*.....19

PARTE I

Conferências

A paixão melancólica do tempo na obra de Lygia Fagundes Telles
Ângela Maria Dias25

A Revista Filológica da Academia Brasileira de Filologia
Antônio Martins de Araújo33

Os Lusíadas (Camões) e o Pensamento* (Atitude) Estético do
e no século XVI

Antônio Sérgio Mendonça.....47

O estudo da literatura brasileira em Portugal
Arnaldo Saraiva.....57

Crítica das variantes: um soneto de Camilo Pessanha
Barbara Spaggiari73

Os filólogos da Academia Brasileira de Letras
Claudio Cezar Henriques.....81

Sobre a gênese da Poesia
E. M. de Melo e Castro.....89

Diversidade e unidade da língua na hora da globalização
Fernando Cristóvão.....103

O processo de criação em Lygia Fagundes Telles
Gilda Korff Diegues.....123

Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo
Lusofônico

Horácio França Rolim de Freitas.....133

A presença africana na literatura brasileira	
<i>Ildásio Tavares</i>	141
Os estudos de lingüística portuguesa em Portugal	
<i>Jorge Morais Barbosa</i>	145
Os estudos filológicos e lingüísticos no Brasil – uma tentativa de periodização	
<i>Leodegário A. de Azevedo Filho</i>	159
O léxico brasileiro em <i>A Virgem de Guaraciaba</i> de Pinheiro Chagas	
<i>Luisa Trias Folch</i>	189
Um cancionero do Tempo das Caravelas	
<i>Maria do Amparo Tavares Maleval</i>	209
Subsídios para uma pauta do <i>usus scribendi</i> na lírica de Camões	
<i>Marina Machado Rodrigues</i>	215
Variantes de uma elegia fúnebre	
<i>Maurizio Perugi</i>	235
A tipologia lexicográfica	
<i>Mauro Salles Vilar</i>	251
O léxico espanhol na poesia de João Cabral de Melo Neto	
<i>Nicolás Extremera Tapia</i>	261
Duas observações sobre o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa	
<i>Ricardo Cavaliere</i>	275
O dissídio camoniano. Fractura e significação	
<i>Rita Marnoto</i>	283
O latinismo ‘intonso’ e a adversativa ‘mas’ do passo camoniano “barba [...] intonsa, mas comprida” (<i>Lus.</i> IV, 71, 8)	
<i>Sebastião Tavares de Pinho</i>	291
Memória histórica e identidade nacional	
<i>Silvano Peloso</i>	305
Antônio Vieira e a Academia Romana: um novo inédito italiano	
<i>Sônia Netto Salomão</i>	317
A Lexicografia da Língua Portuguesa e a Academia Brasileira de Letras	
<i>Walmírio Macedo</i>	329
Lírica de Camões: alguns desafios e soluções	
<i>Xosé Manuel Dasilva Fernández</i>	335

PARTE II

Minicursos

O diálogo de Camões e Plauto no Auto dos Enfatriões	
<i>Iremar Maciel de Brito</i>	355
O reconhecimento da identidade brasileira em filmes africanos	
<i>Monica Rector</i>	365
Labirintos do amor e do gozo na lírica barroca	
<i>Nadiá Paulo Ferreira</i>	377
O império do gozo em <i>Coração, cabeça e estômago</i>	
<i>Sérgio Nazar David</i>	389

PARTE III

Comunicações livres

Antônio Conselheiro ou a metamorfose do mito do chefe. Uma leitura de <i>A casca da serpente</i> , de José J. Veiga	
<i>Délia Cambeiro</i>	405
Identidades em conflito ou em processo? Análise do conto “Mulher de mim”	
<i>Iza Quelhas</i>	413
Estilo, expressão e arte – uma língua e uma literatura para o Brasil do século XIX (a metalinguagem de José de Alencar)	
<i>Lygia Maria Gonçalves Trouche</i>	421
A Natureza como espaço do amor na Literatura Portuguesa Quinhentista	
<i>Márcia Vieira Maia</i>	431
O conto da ilha desconhecida e <i>A terceira margem do rio</i> : a busca do conhecimento	
<i>Maria Helena Sansão Fontes</i>	449
A escuta de uma nova linguagem	
<i>Maria Heloísa Martins Dias</i>	457
Vieira: analogia e contraste	
<i>Olga de Jesus Santos</i>	465
A visão sintático-discursiva em João Cabral de Melo Neto	
<i>Vânia Lúcia Rodrigues Dutra</i>	471

Parte IV

Resumos

O nativismo ambíguo de Gregório de Mattos

Adriano Espínola.....477

Tipos populares de processos de formação de palavras: acrônimos e anagramas

Afrânio da Silva Garcia.....477

O nacional em *Eurico, o presbítero*

Ana Lúcia de Souza Henriques.....477

A circularidade mítica em “Retábulo de Santa Joana Carolina”

Andréia Régia Nogueira do Rego.....478

Influência do helenismo nos poetas juizforanos nas duas primeiras décadas do século XX

Angélica Kappel Nascimento.....478

Sonetos de Gregório de Matos em espanhol - uma leitura crítica de Francisco Topa

Beatriz Pereira da Silva.....479

Nelson Saúte, habitante de uma “pátria dividida”

Carolina da Silva Ribeiro.....479

Participios duplos: descrição e história

Castelar de Carvalho.....479

A linguagem simbólica Fagundiana como instrumento de representação da vida interior das personagens em “As cerejas”

Cátia Valério Ferreira Barbosa.....479

A intencionalidade discursiva a serviço do dramático no teatro de Gil Vicente

Cláudio de Sá Capuano.....480

A variação de gênero dos nomes em língua portuguesa: um processo flexional

Ernani Machado Garrão Neto.....480

Gramáticas do século XVI e a presença da língua portuguesa no ultramar

Fátima Helena Azevedo de Oliveira.....481

Sílvio Romero em Juiz de Fora

Gizlane da Silva Vital.....481

Gonzaga Duque e os cavaleiros da Modernidade: a utilização da imagem do cavalo na literatura do século XIX

Helena Cunha Uzeda.....482

Cultivar o deserto: encontro entre Carlos de Oliveira e João Cabral de Melo Neto

Ida Maria Santos Ferreira Alves.....482

De prefácios e posfácios: a crítica de Fidelino de Figueiredo

Irene Jeanete Lemos Gilberto.....483

A terra brasilis na simbologia da *Atlântida* (revista luso-brasileira – 1915-19919)

Janise de Souza Paiva.....483

O sebastianismo no teatro de Natália Correia

Jorge Marques.....483

A “Saudação” de Agostinho Neto

Jorgeli Moraes Guimarães.....484

Glossário da obra poética de Gregório de Matos

José Pereira da Silva.....484

Dos conflitos da narrativa à remissão católica

Júnia Andrade Viana.....484

Os silêncios dos diálogos em Teolinda Gersão: um jogo enunciativo

Lilian Cristina Brandi da Silva.....485

O jardim episcopal de Castelo Branco ou A nova Tebaida

Lilian Pestre de Almeida.....485

A república dos corvos: decifração da narrativa cardosiana II

Lucia Maria Moutinho Ribeiro.....486

Drummond e a ironia socrática

Lúcio Menezes Valentim.....486

Botânica e poesia: Camões e Garcia da Orta em Goa

Márcia M^a de Arruda Franco.....486

Um discurso da modernidade poética: Fíama Hasse Pais Brandão e a nova Gênese da Linguagem

Márcia Vieira Maia.....486

João Gumes e sua produção literária

Maria da Conceição Souza Reis.....487

À escuta de uma nova linguagem

Maria Heloísa Martins Dias.....488

Mutações semânticas no léxico latino-português

Mariza Mencalha de Souza.....488

O eu multiplicado em Cora Coralina

Marlene Gomes Vellasco.....488

A atualidade dos textos do Pe. Júlio Maria (sacramentino)

<i>Raquel de Castro</i>	488
A cidade, o corpo e o enigma do olhar nos romances de João Gilberto Noll	
<i>Regina Céli Alves da Silva</i>	488
Estudo léxico-semântico de três tratados medievais portugueses	
<i>Rita de Cássia R. de Queiroz</i>	489
Edições brasileiras do <i>Livro de Isaac</i>	
<i>Ronaldo Menegaz</i>	489
Análise do conceito de memória / identidade cultural e nação nos poetas moçambicanos Luís Carlos Patraquim e Néelson Saúte	
<i>Rosane de Almeida Lima</i>	489
A força feminina em <i>Os Mastins</i> , de Álvaro Guerra, e em <i>Memorial do Convento</i> , de José Saramago – um estudo comparado	
<i>Sandro Luís da Silva</i>	490
A esperança equilibrista – a geração de 60 na poesia baiana	
<i>Simone Lopes Pontes Tavares</i>	490
Sexo e devastação, com Nelson Rodrigues	
<i>Sonia Alberti</i>	491
Alexandra Alpha: intersecções de discursos	
<i>Sônia Helena de Oliveira Raymundo Piteri</i>	492
Mulheres de Agustina	
<i>Tatiana Alves Soares</i>	491
Erotismo e religiosidade em “Miss Algrave” de Clarice Lispector	
<i>Telma Maria Vieira</i>	491
A <i>belle époque</i> nos trópicos	
<i>Terezinha Zimbrão</i>	492
Edição crítica da poesia de José Basílio da Gama	
<i>Vânia Chaves</i>	492

Apresentação

Realizou-se, no período de 17 a 21 de julho do ano 2000, no auditório da Universidade Estácio de Sá (Rua do Bispo, 83), o **Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofônico**, anteriormente planejado para ter lugar no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A mudança de local explica-se e justifica-se em face da greve de professores e funcionários da UERJ, que impossibilitou a realização de qualquer atividade em nossa universidade estadual.

Entre as entidades promotoras do **Congresso**, além da Academia Brasileira de Filologia e da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, citamos o Instituto de Letras da UERJ e o Instituto Antônio Houaiss, sob o alto patrocínio do Ministério da Cultura do Brasil. Os jornais *Folha Dirigida*, do Rio de Janeiro; *O Popular*, de Goiás; e *O Correio*, do Rio de Janeiro, deram especial cobertura à organização e realização do Congresso entre outros órgãos de imprensa no Brasil.

O apoio cultural, sem o que não se poderia realizar o **Congresso**, foi concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Instituto Camões, de Portugal, e pelo CNPq, FAPERJ, Fundação Cultural Brasil-Portugal e Ministério da Cultura pelo Brasil.

Na sessão de abertura, prestou-se comovida homenagem a Barbosa Lima Sobrinho, nosso Presidente de Honra, que faleceu no dia 16 de julho de 2000. Sobre ele, escreveu o professor Leodegário A. de Azevedo Filho, presidente do **Congresso**, sentida página de saudade, intitulada “A morte do Lidador”, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de Lisboa, no

Jornal do Commercio, na *Folha Dirigida*, com reprodução ainda no *Monitor Mercantil*, todos do Rio de Janeiro. Integraram a Mesa da sessão inaugural o Magnífico Reitor da Universidade Estácio de Sá, professor Gilberto Mendes de Oliveira Castro, a professora Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro, diretora do Instituto de Letras da UERJ, o professor Luís Fernando Medeiros, diretor da Faculdade de Letras da UNESA, o vice-cônsul da República de Angola, diplomata João Diogo Fortunato e a secretária geral do **Congresso**, professora Marina Machado Rodrigues. O professor Leodegário A. de Azevedo Filho foi o representante oficial de todos no sepultamento de Barbosa Lima Sobrinho. Sobre o acontecimento, assim se expressou o Magnífico Reitor da UNESA: "Lamentavelmente, o que seria uma grande homenagem, afinal, transformou-se numa saudade. Apesar deste momento triste para a cultura brasileira, devo dizer que sediar um evento de tal porte é um motivo de grande honra e satisfação para a Universidade." Em seguida, dois eminentes professores da Universidade de Coimbra, doutores Rita Marnoto e João Nuno P. Corrêa Cardoso, dissertaram sobre "O petrarquismo português do Renascimento e do Maneirismo", tema de importante tese de doutoramento, com 723 páginas, e "Da literatura ao "achamento" da língua portuguesa (uma viagem pela didática)", respectivamente.

Como as conferências, as participações em mesas-redondas e as comunicações livres, as últimas devidamente selecionadas, vão ser publicadas nas **Atas do Congresso**, para melhor avaliação científica de todas elas e ampliação dos benefícios culturais do encontro internacional, aqui deixamos de fazer comentários específicos sobre o assunto, registrando apenas nomes e temas desenvolvidos e debatidos ao longo de intensa semana de trabalho, prolongando-se as sessões diárias das 10h às 19h.

O **Congresso**, empenhado em demonstrar a importância dos estudos de lexicografia e os avanços dessa ciência em percurso histórico, em sua primeira dimensão, abriu ainda amplo espaço para o estudo das literaturas do mundo lusofônico, em sua segunda dimensão. Por isso, o Temário assim se apresentou:

Parte I

- a) Evolução histórica da lexicografia em língua portuguesa e sua relação com as literaturas do mundo lusofônico;
- b) Evolução dos estudos lingüísticos e língua portuguesa;
- c) Evolução dos estudos filológicos e língua portuguesa.

Parte II

- a) A literatura portuguesa: do período medieval à modernidade;
- b) A literatura brasileira: do séc. XVI aos nossos dias;
- c) As literaturas africanas: história, diversificação e atualidade.

Como é evidente, a abrangência dos temas de ambas as partes permitiu aos participantes a apresentação de comunicações variadas, tanto na parte lingüístico-filológica como na parte literária propriamente dita. Com isso, evitamos a realização de um encontro monolítico ou unilinear, tão comuns, envelhecidos pelo tempo e sem qualquer dinamicidade.

Na parte da tarde do primeiro dia do Congresso, sob a presidência de Leodegário A. de Azevedo Filho, foi homenageado o escritor Sérgio Corrêa da Costa, autor do importante livro *Palavras sem fronteiras* (Rio de Janeiro, Record, 2000), original pesquisa de cunho lexicográfico, apresentada aos congressistas pelos professores Evanildo Bechara e Marina Machado Rodrigues, ambos da UERJ e membros de Academia Brasileira de Filologia. Ao agradecer a homenagem, o embaixador Sérgio Corrêa da Costa explicou a gênese de sua obra e disse da sua satisfação em receber o título de sócio-correspondente da ABF e a Medalha Oskar Nobiling, da SBLL. Ainda na parte da tarde, foram proferidas as conferências "Sobre os estudos lingüísticos e filológicos em Portugal e no Brasil", uma tentativa de periodização, a cargo de Jorge Morais Barbosa, da Universidade de Coimbra, e de Leodegário A. de Azevedo Filho, da UERJ e UFRJ. Em seguida, teve lugar a

importante mesa-redonda “Sobre os estudos de literatura brasileira em Portugal”, sob a presidência de Antônio Gomes da Costa, da Fundação Cultural Brasil-Portugal, matéria desenvolvida por dois grandes especialistas portugueses: os professores Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto e Eduardo Prado Coelho, da Universidade de Lisboa. Como é compreensível, o assunto despertou grande interesse, confrontando-se duas visões sobre a matéria: uma mais otimista e outra mais realista, como veremos nos textos a serem publicados nas **Atas do Congresso**. Por fim, os trabalhos no primeiro dia foram encerrados com a conferência de Antônio Sérgio Mendonça sobre “*Os Lusíadas* e a atitude estética do século XVI”, sob a presidência de Sílvia Eleutério (UFRJ), tendo como debatedores as professoras Cláudia Montillo, da UERJ e Lúcia Moutinho, da UFRJ.

Logo em seguida, com introdução teórica da professora Maria do Amparo Tavares Maleval, da UERJ e da UFF, apresentou-se o Conjunto de Música Antiga da UFF, que executou o programa “Música do tempo das caravelas”.

No dia 18 de julho, às 10h, conforme a programação oficial, desenvolveram-se os minicursos de literatura, com a participação de Sérgio Nazar, da UERJ, Nadiá Paulo Ferreira, da UERJ, Cláudia Márcia, da UFRJ e Carlinda Fragale Pate Nuñez, da UERJ. Nos dias 19 e 20, também participaram os professores Iremar Maciel de Brito, da UERJ, Mônica Rector, da Universidade da Carolina do Norte/USA e Maria Helena Varela, da UFF. Os minicursos se prolongaram do dia 18 ao dia 20, tendo início às 10 horas. E às 11, dos dias 18 a 20, foram lidas, em salas especiais, as comunicações livres, abrindo-se assim espaço para a participação de colegas procedentes de vários pontos do território nacional.

Ainda no dia 18, às 13h e 30m, teve lugar a mesa-redonda sobre “A presença africana na literatura brasileira”, coordenada pelo escritor Joel Rufino dos Santos, da UFRJ, com oportuna intervenção de Paulinho da Viola, e dela participando os escritores Alberto da Costa e Silva (autor do livro *A enxada e a lança*); Ildásio Tavares, da UFBA, e Muniz Sodré da UFRJ, todos espe-

cialistas brasileiros em estudos africanos. Lamentou-se a ausência, por motivos justificados, do escritor Antônio Olinto, da ABL. Em seguida, às 15h, sob a presidência do escritor Ivan Junqueira, da ABL, desenvolveu-se a mesa-redonda sobre “A lexicografia da língua portuguesa e a Academia Brasileira de Letras”, com a participação dos seguintes membros da ABF: Antônio José Chediak, Cilene Cunha Pereira, Ricardo Cavaliere e Walmírio Macedo. Sendo uma das mesas-redondas especificamente dedicadas à lexicografia da língua portuguesa no Brasil, o assunto mobilizou o auditório e os debates se estenderam até o início da última sessão, realizada às 16h e 30m, quando o professor Sebastião Tavares de Pinho, da Universidade de Coimbra, com muita erudição, dissertou sobre os latinismos léxico-sintáticos do português quinhentista, participando dos debates os professores Amós Coelho da Silva, da UERJ, e Carlos Tannus, da UFRJ.

No dia 19 de julho, pela manhã, desenvolveram-se normalmente os minicursos programados e ouviram-se, em seguida, a leitura de várias comunicações. Por impossibilidade da presença de João de Scantimburgo, a sessão das 13h e 30m não foi realizada. Às 14h e 10m, o escritor Marcus Accioly, da UFPE, proferiu a conferência sobre “A linguagem dos cantadores do Nordeste”, despertando enorme interesse pelos conhecimentos específicos do conferencista, em relação à literatura e ao folclore do Nordeste do Brasil. Às 14h e 50m, falou a professora Hilma Ranauro, da ABF, sobre “As ocorrências de *por* e *per* na *Crônica de D. João I*, de Fernão Lopes”, sob a presidência do professor Amós Coelho da Silva e com a intervenção do professor Sebastião Tavares de Pinho. Às 15h e 30m, ocorreu a mesa-redonda sobre “A contribuição das revistas filológicas à lexicografia e à cultura brasileira”, dela participando os professores Evanildo Bechara, que foi coordenador dos debates, Antônio Martins de Araújo, Horácio Rolim de Freitas e Rosalvo do Vale, todos membros da ABF. O assunto despertou enorme interesse, pois bem sabemos da importância das revistas especializadas para o desenvolvimento de qualquer setor do conhecimento humano. No caso, trata-se de professores integrantes de um Grupo de

Trabalho (GT) responsável pela apresentação à ANPOLL de vasto projeto de pesquisa que, a partir das publicações do eixo Rio-São Paulo, em círculos concêntricos, analisará todas as revistas filológicas publicadas em todas as Universidades do Brasil. Por fim, na última sessão do dia, realizada a partir das 17 horas, sob a coordenação de Domício Proença Filho, da ABF, as professoras Angélica Maria Santos Soares, da UFRJ; Ângela Dias, da UFRJ, e Gilda Korff Diégues, da UNESA, debateram o processo de criação em Lygia Fagundes Telles, que infelizmente não pôde comparecer, como era seu desejo. Os debates sobre a linguagem literária de Lygia Fagundes Telles, em particular no que se refere à presença da mulher em sua obra literária, estenderam-se além do tempo previsto, em face do interesse do auditório pela matéria discutida.

No dia 20, na parte da manhã, a partir das 10h, desenvolveram-se os minicursos e foram ouvidas numerosas comunicações livres apresentadas ao Congresso. Às 13h e 30m, sob a presidência da professora Helena Ferreira, da UFRJ, o professor Xosé Manuel Dasilva Fernández, da Universidade de Vigo/Espanha, dissertou sobre “Lírica de Camões: desafios e soluções”, debatendo o assunto, que aliás foi matéria de sua tese de doutoramento pela Universidade de Santiago de Compostela, com dois ilustres membros da Escola Camoniana Brasileira: os professores Álvaro de Sá e Marina Machado Rodrigues, da ABF. Mesa constituída de especialistas em estudos camonianos, o interesse por ela despertado foi imenso, pois todos sabemos que a lírica de Camões é o maior problema textológico da literatura portuguesa de todos os tempos. Às 15h, sob a presidência da professora Maria Lúcia Aragão, da UFRJ, dois eminentes professores da Universidade de Granada/Espanha dissertaram sobre “O léxico brasileiro na *Virgem de Guaraciaba*, de Pinheiro Chagas”, originalíssima conferência proferida pela professora Luísa Trias Folch, e sobre “O léxico castelhano na poesia de João Cabral de Melo Neto”, assunto amplamente desenvolvido pela competência do professor Nicolás Extremera Tapia. Às 16h e 30m, foram proferidas as seguintes comunicações especiais: “Vergílio Ferreira

ou a negação do conto” pela professora Isabel Cristina Rodrigues, da Universidade de Coimbra; “Os filólogos da Academia Brasileira de Letras”, pelo professor Claudio Cezar Henriques, da ABF; “Interesse, novidades e problemas numa edição crítica da obra de José Basílio da Gama” pela professora Vânia Chaves, da Universidade Nova de Lisboa e “Bilingüismo, diglossia e crioulização nos países lusófonos, pelo professor Antônio Martins de Araújo, da ABF.

Por fim, no dia 21 de julho, a partir das 10h, foram lidas as seguintes conferências: a) “O percurso histórico da lexicografia portuguesa”, por Evanildo Bechara, sob a presidência de Álvaro de Sá; b) “A crítica textual e o problema das variantes”, por Barbara Spaggiari, da Universidade de Perugia/Itália, e Maurizio Perugi, da Universidade de Genebra, Suíça, sob a presidência de Paulo Silva de Araújo, da ABF. Os conferencistas citados, ambos discípulos de Gianfranco Contini, são considerados por toda a Europa como dos maiores especialistas em crítica textual, que é a própria essência dos estudos filológicos; c) “Memória histórica e identidade nacional”, conferência proferida pelo professor Silvano Peloso, da Universidade de Roma/Itália, aliás o sucessor na cátedra antes ocupada pela grande romanista Luciana Stegagno Picchio; d) “Antônio Vieira e a Academia Romana: um novo inédito italiano”, por Sônia Netto Salc. não, da Universidade de Viterbo, Itália, e grande especialista brasileira em estudos sobre os textos em italiano do Padre Antônio Vieira; e) “As versões do Dicionário de Antônio Houaiss, em Portugal e no Brasil”, sob a presidência de Francisco de Mello Franco, Diretor do Instituto Antônio Houaiss, e exposição da matéria por Mauro de Salles Villar, da ABF e IAH, e pelo representante da Editora Objetiva, que se incumbirá da edição brasileira do *Dicionário Geral da Língua Portuguesa*, com 220 mil entradas. Tratando a lexicografia, essencialmente, da técnica de organização e elaboração de dicionários, a matéria despertou amplo interesse num congresso específico de lexicografia, estendendo-se os debates até o início da conferência final de encerramento sobre “A gênese da poesia”, que foi proferida por E. M. de Melo Castro, sob a presidência da professora Nadiá Paulo Ferreira, da UERJ, com a participação

dos professores Maria Helena Sansão Fontes, da UERJ, e Mário Bruno, da UERJ. Por fim, com a palavra final de Leodegário A. de Azevedo Filho, presidente do Congresso, foi encerrado o encontro internacional.

Com a publicação das *Atas*, o público em geral melhor poderá avaliar a qualidade científica dos trabalhos apresentados ao Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofônico, com êxito total.

Leodegário A. de Azevedo Filho (Presidente do Congresso)

Marina Machado Rodrigues (Secretária Geral)

Órgãos patrocinadores:

CNPq

FAPERJ

Fundação Calouste Gulbenkian

Fundação Cultural Brasil-Portugal

Instituto Camões – Programa Lusitânia

Jornal *Folha Dirigida*

Ministério da Cultura do Brasil

Observações

1 – Somente foram publicados neste volume os trabalhos de congressistas que encaminharam à Secretaria do Congresso cópia do texto apresentado, acompanhado de disquete, conforme norma estabelecida pela Direção do Congresso.

2 – Por lapso editorial, parte do texto do Acadêmico Paulo Silva de Araújo, publicado no volume de *Atas do Congresso Brasil 500 Anos de Língua Portuguesa*, foi atribuída ao Acadêmico Walmírio Macedo. Fica aqui consignada a retificação.

3 – O artigo da prof^a Hilma Ranauro, “As ocorrências de Por e Per na crônica de D. João I, de Fernão Lopes”, que seria publicado nestas atas, foi incluído na *Revista da Academia Brasileira de Filologia*.

O dissídio camoniano. Fractura e significação

Rita Marnoto,
da Universidade de Coimbra

1. O lirismo camoniano brota de uma inquietude intensa, traduzida numa série de contraposições que confere um carácter profundamente perturbante à sua poesia. São de vária ordem os factores contextuais que enquadram esse universo de desconcerto, desgastado pelas leis da mudança e pela crueldade do amor, do tempo e dos fados. Essa questão pode ser perspectivada sob um ponto de vista epistemológico, periodológico, ou histórico-literário. Mas, e avançando já o ponto de chegada desta intervenção, o plano do dissídio assume implicações que incidem também sobre o plano da significação.

2. Camões tem vindo a ser considerado como um autor de transição entre Renascimento e Maneirismo, quiçá mais próximo do modelo maneirista do que do renascentista. Com efeito, na sua obra reflecte-se, de forma bem evidente, a cosmovisão carecterística desse período literário. Para o homem do Renascimento, entre modelo e cópia estabelece-se uma relação de tendencial harmonia. Esse equilíbrio anda intimamente associado ao pensamento neoplatónico, porquanto sustido por um sistema de paralelismos dotado de uma função ordenadora. Entre o plano ideal e os níveis mediadores onde a sua perfeição se reflecte, estabelecem-se elos de notória conformidade. Contudo, com o Maneirismo, essa relação especular perde em nitidez, deixando

de oferecer certezas. A relação entre modelo e cópia continua a desfrutar de uma importância fundamental, mas os seus contornos desvanecem-se, suscitando dúvidas e perplexidades.

Recorde-se que o período maneirista, na Literatura Portuguesa, se estendeu ao longo de um arco temporal amplo, a situar entre as últimas décadas do século XVI e as primeiras décadas do século seguinte. Esse facto costuma ser perspectivado em íntima relação com circunstâncias de ordem histórica. Na verdade, à medida que a centúria de Quinhentos avança, assiste-se a um progressivo adensamento do clima que se vive no Portugal de então. Um pequeno país do Ocidente da Europa via-se a braços com um Império imenso, quase desmesurado, cuja administração suscitava problemas organizativos que, de dia para dia, se tornavam mais prementes. Entretanto, o rei D. João III, um dos mais poderosos monarcas da época, vê morrer, um a um, os seus numerosos descendentes. Quando todas as esperanças na sucessão recaem sobre o seu derradeiro filho, o príncipe D. João, também este é levado pela morte, ainda aquele que será o malogrado rei D. Sebastião está no ventre de sua mãe, a princesa D. Joana, filha de Carlos V.

Este conjunto de circunstâncias contextuais poder-nos-á ajudar, com certeza, a compreender as profundas raízes dos grandes temas da poesia de Camões que temos em vista – o desconcerto, a mudança, a fuga do tempo, e assim sucessivamente. O sujeito lírico camoniano é um ser cindido, fragmentado entre um ontem e um hoje, um querer e um não querer, ou até entre o próprio amor que dedica à fera e ao anjo que ele descobre, afinal, numa mesma pessoa, essa mulher presente e ausente que o atrai e o destrói. O que coloca o tema do dissídio no cerne da mundividência camoniana. Se não vejamos.

3. Na tradição do pensamento ocidental, a reflexão em torno do tema do dissídio consubstanciou-se num vasto filão lucubrativo que Camões bem conheceria. Limitamo-nos a recordar três marcos desse itinerário, Séneca, Santo Agostinho e Petrarca.

Para Séneca e para os estóicos, o ideal do sábio identificava-se com o da unicidade espiritual. Graças à sua capacidade de

autodomínio, o sábio era capaz de contrastar a dispersão das paixões que obnubilam o homem, fragmentando a sua mente e impedindo-o de operar verdadeiras escolhas. Por sua vez, Santo Agostinho retomou esse propósito de autodomínio, para o coar à luz de um neoplatonismo de inspiração cristã. À dispersão do mundo terreno e do pecado, é contraposta a reconversão ao Uno, que é Deus. Mas, para toda a Literatura que se segue aos tempos medievos, a grande referência, pelo que diz respeito ao tratamento lírico desse tema, é, sem dúvida, Petrarca e o seu cancionero, intitulado, sintomaticamente, *Rerum vulgarium fragmenta*. Séneca visa ao ideal do sábio, ao passo que Santo Agostinho, nas *Confessiones*, relata a história de uma vivência pessoal de valor exemplar que conduz do pecado à redenção. De outra forma, para Petrarca, a conquista da unicidade é uma meta programaticamente adiada que o cantor de Laura nunca atinge, verdadeiramente. É certo que os *Rerum vulgarium fragmenta* são encerrados com uma composição dedicada à Virgem Maria. Mas se a Virgem é cantada nos termos em que Laura o fora, as 365 composições que precedem essa canção contam uma história feita de inquietude e de perturbação – a história do dissídio que atormenta o poeta. Neste sentido, Petrarca segue uma linha distinta da dos seus ilustres predecessores aqui apontados, Séneca e Santo Agostinho. Quer para o filósofo estóico, quer para o Doutor da Igreja, a unicidade interior era um objectivo ao alcance do homem, graças ao seu próprio esforço, através do qual, no segundo caso, poderia ser alcançada a felicidade eterna, no plano da transcendência divina. Ora, em Petrarca, o dissídio não recebe uma verdadeira resolução. Subsiste como tal, para ser analisado e aprofundado. Para ser literariamente vivido. É essa a lição do primeiro moderno.

É essa também a herança literária que Camões irá receber, num contexto marcado pelos vectores de ordem periodológica, epistemológica e histórica já referidos. Assim podemos compreender melhor não só o lugar ocupado pela sua obra no contexto do petrarquismo europeu, tendo em linha de conta o perturbante desassossego que a marca, como a profunda incidência de um tema que será, sem dúvida, um dos temas fundamentais do lirismo

camoniano – o dissídio.

4. Vejamos pois. Se a mulher a quem o poeta consagra o seu amor “[...] cintilava espíritos divinos”, de outra forma, ela é “[...] uma fera, que o destino / não quis que mulher fosse a que tivesse / tal nome para mim [...]”. A sua presença ora redundante num encanto evanescente que se dilui na “[...] luz suave e leda / [que] a meus olhos me mostra por quem mouro”, ora naquela “[...] peregrina fermosura” que “Eternamente as águas lograrão”. Desta feita, a figura feminina é frequentemente associada a elementos da natureza que simbolizam quanto de transitório há na existência humana. Neste universo lírico, não é só a figura feminina que é apresentada de modo esparso. Tudo nele é repartido por lugares, tempos e experiências. Ao carácter linear da evolução temporal, sobrepõem-se os fragmentos de uma memória dilacerada, as “Lembranças saudosas [...]”, os dias “que têm o primeiro gosto já danado”. O amante vê-se dividido, a cada momento, por solicitações e determinantes existenciais de vária ordem e de índole muito diversa, enquanto protagonista de uma “[...] vida / pelo mundo em pedaços repartida”, como quem anda “[...] gastando a vida trabalhosa, / espalhando a contínua saudade / ao longo de uma praia saudosa”. Perseguido por “[...] males em pedaços”, as suas vivências são as do peregrino de amor, “[...] vago e errante, / vendo nações, linguagens e costumes, / Céus vários, qualidades diferentes”. No âmbito do conjunto de tensões que colocam o homem face a face com o destino, destaca-se o vivo conflito que opõe corpo e espírito, pulsões terrenas e aspirações espirituais. Se o torpe desejo se insinua, “fraquezas são do corpo, que é de terra, / mas não do pensamento, que é divino”, “Que se viver não posso, / um homem sou só de carne e osso”. Mas os efeitos da fragmentação podem ir até mais longe, porque os engodos dos afectos “[...] por longos anos, / noutra ser me tiveram transformado, / e tão contente de me ver trocado / que as mágoas enganava cos enganos”. Também a relação que o poeta mantém com o fado, o destino, ou a Providência, gera confrontos dilacerantes. Quando o peso do fado ou da providência sobre ele cai, entrega-se nas

mãos do destino, porque “Não se pode co Fado ter cautela; / nem pode haver nenhum contentamento / que não seja trocado em dura estrela”, pois “[...] contra o Céu não val defesa humana”. Receoso de dar um só passo, conclui, “da Providência, enfim, divina, pendo”. Já noutras circunstâncias, dá voz à sua indignação perante o “[...] Céu severo, / as Estrelas e o Fado sempre fero,” que “com meu perpétuo dano se recreiam, / mostrando-se potentes e indignados / contra um corpo terreno, / bicho da terra vil e tão pequeno”. A sua clarividência permite-lhe distinguir o positivo do negativo, mas as estrelas “com ter livre alvedrio, mo não deram, / que eu conheci mil vezes na ventura / o melhor, e pior segui, forçado”. De desesperado, é mesmo tentado a assumir a responsabilidade dos seus males: “Confesso que conheço / que, em parte, a causa dei / [a]o mal em que me vejo, / pois sempre meu desejo / a tão largas promessas entreguei”. Tal estado de abatimento pode estender-se a um ponto tal, que nem a perspectiva de ver o fim dos seus dias o assusta, porquanto “Não pode tanto bem chegar tão cedo, / porque primeiro a vida acabará / que se acabe tão áspero degredo”, mas sem que, por outro lado, lhe ofereça qualquer conforto, “Não cuide o pensamento / que pode achar na morte / o que não pôde achar tão longa vida”. No entanto, mesmo roído pela saudade, também é capaz de mostrar a mais sólida perseverança – “Atado ao remo tenho a paciência, / para quantos desgostos der a vida”. Armado de toda a coragem, pode até mostrar a sua grandeza através da forma como enfrenta as adversidades que se lhe colocam, convertendo o vazio que se abre diante de si em modalidade de enriquecimento cognitivo, mesmo que seja para concluir pela negativa – “já sei que deste meu buscar ventura, / achado tenho já, que não a tenho”.

5. No lirismo camoniano, o tema do dissídio assume implicações que se estendem ao próprio plano da significação, em absoluta consonância com o quadro epistemológico a que foi feita referência.

Recorde-se, em breve, o início da canção décima:

*Vinde cá, meu tão certo secretário
 dos queixumes que sempre ando fazendo,
 papel, com que a pena desafogo!
 As sem-razões digamos que, vivendo,
 me faz o inexorável e contrário
 Destino, surdo a lágrimas e a rogo.
 Deitemos água pouca em muito fogo;
 acenda-se com gritos um tormento
 que a todas as memórias seja estranho.
 Digamos mal tamanho
 a Deus, ao mundo, à gente e, enfim, ao vento,
 a quem já muitas vezes o contei,
 tanto de balde como o conto agora;
 mas, já que para erros fui nascido,
 vir este a ser um deles não duvido.
 Que, pois já de acertar estou tão fora,
 não me culpem também, se nisto errei.
 Sequer este refúgio só terei:
 falar e errar sem culpa, livremente.
 Triste quem de tão pouco está contente!*

O papel proporcionará o desafogo dos queixumes, mas é “água pouca em muito fogo”, de tão grande que é o mal. O que de excessivo em si contém o significado, o “mal tamanho”, transborda da capacidade expressiva do significante. Então, a “falta do significante”, associada ao “excesso do significado”, desencadeia a proliferação do próprio significante. O grito sai forçado, conforme é dito nos primeiros versos da estrofe seguinte.

A experiência poética camoniana é feita de presenças que se manifestam como consecutivas privações, enquanto espaço de sucessivos diferimentos. Assim se institui uma fractura cujas implicações, ao nível temático, são indissociáveis do plano da significação, na medida em que fazer poesia é “significar” uma cisão, ou, mais do que isso, é a necessidade de “significar” essa cisão. São os próprios signos que o poeta maneja, pois, que brotam de uma fractura, entre sinal e referente, entre significante e significado. Mas o sinal, ao mesmo tempo que exprime uma dualidade, remete-a para a sua unidade, erigindo-se assim em factor que carrega uma clivagem que se reencontra nele próprio. Sob este ponto de vista, a sua unidade expressiva, entre significante e significado, é colhida numa relação de ocultamento que se traduz no

jogo de contraposições entre elementos que se excluem. Todavia, na poesia camoniana, esse diferimento é aparentemente removido através da sobreposição de figuras de convergência. Este processo fica bem evidente no plano estilístico-retórico. A oposição entre conceitos, estados de espírito, ou qualidades, é aplacada pela homogeneidade de ordem fonética, rimática, composicional, sintáctica, morfológica, ou até semântica, que liga pólos antitéticos – “fraquezas são do corpo, que é de terra, / mas não do pensamento, que é divino”; “[...] as mágoas enganava cos enganos”; “[...] eu conheci mil vezes na ventura / o melhor, e pior segui, forçado”; “já sei que deste meu buscar ventura, / achado tenho já, que não a tenho”. Da sombra, brota a denúncia da fractura original que se interpõe entre significante e significado, para ser exposta, sendo ocultada, desvanecendo a possibilidade de uma síntese.

Camões experimenta, face ao mundo que o rodeia, uma inquietude carente de resolução. O mundo material confronta-se com as aspirações à sublimidade, tal como o mundo das formas se confronta com a Felicidade eterna, e os sinais se confrontam com a unidade da essência. O plano da contingência de modo algum satisfaz a busca de um ideal que se situa para além dele. As redondilhas “Sôbolos rios” representarão um dos pontos da sua obra em que o poeta mais se aproximará da tão desejada paz. No entanto, o alcance da felicidade é apenas um projecto enunciado. A sua consecução só será possível quando o sujeito lírico abandonar, definitivamente, o mundo terreno. Daí que a solução apontada em “Sôbolos rios” seja projectada num outro plano, num plano metafísico – no Além, para lá da fugacidade do tempo, para lá da fragmentação dos espaços, na divina plenitude onde não há tempo nem espaço localizados, porquanto dissolvidos no Uno. Mas também para além da clivagem que em si carrega cada sinal, face à inaniidade do desdobramento que se abre ao abismo da cisão, no seio de um absoluto onde todas as fracturas serão anuladas perante Deus.

O dissídio camoniano significa, pois, essa fractura que se abre no plano da significação, para expor a magnitude de um espaço lírico de ocultação e de desvelamento, de latência e de manifestação sensível. O seu foco não incide nem unicamente sobre a presença, nem unicamente sobre a ausência, nem unicamente sobre o

signo, nem unicamente sobre o referente – mas sobre o espaço que os separa, unindo-os, sem os excluir nem os integrar, ou seja, sobre uma fenda insanável. Esse movimento dialéctico não pode deixar de carecer, como tal, de soluções definitivas, face ao sucessivo diferimento de um ponto de convergência sempre adiado, mas sempre presente. Ou seja, “significado” – “um não sei quê, que nasce não sei onde, / vem não sei como, e dói não sei por quê”, de quem “agora esper[a], agora desconfi[a], / agora desvari[a], agora acert[a]”.

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio, *Stanze. La parola e il fantasma nella cultura occidentale*. Torino, Einaudi, 1977.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de, *Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995.
- CAMÕES, Luís de: Leodegário A. de Azevedo Filho, *Lírica de Camões*. Revisão editorial e colaboração na adaptação ortográfica de Sebastião Tavares Pinho, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v. 1, 1985 - v. 4, t. 2, 1999, -.
- CAMÕES, Luís de, *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão, apresentação de Aníbal Pinto de Castro, Coimbra, Almedina, 1994, reed.
- COELHO, Eduardo Prado, *Os universos da crítica: paradigmas nos estudos literários*. Lisboa, Edições 70, 1987, 2ª ed.
- COELHO, Jacinto do Prado, “Motivos e caminhos do lirismo camoniano”, *A letra e o leitor*. Lisboa, Moraes, 1977, 2ª ed. Marnoto, Rita, *O petrarquismo português do Renascimento e do Maneirismo*. Universidade de Coimbra, 1997.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa, Cotovia, 1994.